

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIA GRAZIELA DA COSTA SANTOS

**ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PICOS-PI**

PICOS-PI

2011

MARIA GRAZIELA DA COSTA SANTOS

**ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PICOS-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, CSHNB, como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^aDr^a. Ana Carmita Bezerra de Souza.

PICOS-PI

2011

MARIA GRAZIELA DA COSTA SANTOS

**ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PICOS-PI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Aprovado em 28 de novembro de 2011.

Componentes da banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ana Carmita Bezerra de Souza
(orientadora)

Prof.^a MS. Ada Raquel Teixeira Mourão

Prof.^a Esp. Danila da Silva Nascimento Gomes

PICOS-PI

2011

A todos os professores de arte, para que estes possam refletir sob suas práticas pedagógicas, para então ultrapassar todas as barreiras que impedem os prazeres e os benefícios de se trabalhar a arte na escola.

AGRADECIMENTOS

Além de Deus, que está sempre comigo em todos os momentos de minha vida me fazendo acreditar em minha capacidade, tendo muitas pessoas a agradecer pelo apoio, compreensão, e dedicação. Algumas pessoas em especial.

A professora Ana Carmita pelas orientações baseadas na paciência, no apoio e na amizade, que foram fundamentais para conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, que com seu conhecimento contribuíram para minha formação profissional.

Aos meus colegas de turma: Daniel; Eliane; João; Margareth; Rejane e Sandra.

Aos professores e alunos das escolas municipais de Picos, que contribuíram para finalização desta pesquisa.

Aos meus familiares que me apoiaram nesta caminhada, estando sempre ao meu lado em todos os momentos.

RESUMO

A educação artística tem uma importância fundamental para o desenvolvimento em sua dimensão. Sendo a escola uma instituição destinada a formar cidadãos é de fundamental importância se trabalhar essa disciplina como um campo de conhecimento interdisciplinar, facilitadora da aprendizagem, pois a arte é um fenômeno social presente em todos os campos de conhecimento. Essa pesquisa tem caráter qualitativo. O seu objetivo é analisar, na prática, a utilização sistemática da arte como área de conhecimento. Para realização desse trabalho houve uma coleta de dados utilizando pesquisas bibliográficas e observações de campo. A pesquisa de campo consistiu-se em observações feitas no espaço escolar com uma análise etnográfica. Foi embasada principalmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN's, além de fundamentar-se em autores como Ana Mae Barbosa e Aurora Ferreira. Os resultados nos proporcionaram maior conhecimento sobre a realidade e as dificuldades encontradas pelo professor de escola pública em trabalhar a arte e interdisciplinaridade. Além de tudo confirmou o quanto a escola necessita de novas metodologias de ensino, métodos que valorizem a criatividade, a auto-expressão, a sensibilidade, enfim, todas as qualidades que as atividades interdisciplinares com arte proporcionam.

Palavras - chave: Arte. Educação. Escola. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The artistic education has a fundamental importance for the development in its dimension. Being the school an institution destined to form citizens is of fundamental importance to work that discipline as a field of knowledge interdisciplinary, facilitative of the learning, because the art is a present social phenomenon in all the knowledge fields. That research has qualitative character. Its objective is to analyze, in the practice, the systematic use of the art as knowledge area. For accomplishment of that work there was a collection of data using bibliographical researches and field observations. The field research was consisted of observations done in the school space with one it analyzes ethnographic. It was based mainly in the Parameters National Curriculum - PCN's, besides basing in authors as Ana Mae Barbosa and Aurora Ferreira. The results provided us larger knowledge about the reality and the difficulties found by the teacher of public school in working the art and interdisciplinarity. Besides everything it confirmed the as the school needs new teaching methodologies, methods that value the creativity, the high-expression, the sensibility, finally, all the qualities that the activities interdisciplinary with art provides.

Words - key: Art. Education. School. Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1. Formação Estética: O encontro com a temática através do prazer pela arte.....	09
2. ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE EM SEU CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO.....	14
2.1. A Arte e sua função social.....	14
2.2. Breve Histórico do ensino de Arte no Brasil.....	16
2.2.1. O ensino de arte e as tendências pedagógicas.....	17
2.2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte.....	21
2.3. A interdisciplinaridade da Arte.....	22
3. ENFATIZANDO A INTERDISCIPLINARIDADE ATRAVÉS DA ARTE NA ESCOLA MUNICIPAL GABRIEL HENRIQUE.....	26
3.1. Percurso Metodológico.....	26
3.2. Características da escola.....	28
3.2.1. Estrutura da escola.....	28
3.3. As Aulas.....	29
Aula 01: Os profissionais.....	30
Aula 02: Os sons do <u>s</u> e <u>z</u>	32
Aula 03: Adição.....	33
Aula 04: 21 de setembro Dia da Árvore.....	34
Aula 05: Inversões (as-es-is-os-us)	35
3.4. Análise Crítica-reflexiva.....	36
3.4.1. Introdução das aulas.....	36
3.4.2. Avaliação das aulas.....	37
3.4.3. Conteúdos multidisciplinares.....	38
3.4.4. Distração e indisciplina dos alunos.....	39
3.4.5. Condições materiais para trabalhar.....	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a educação é o elemento chave no processo de desenvolvimento do cidadão na sociedade. Infelizmente, a realidade das escolas públicas no Brasil deixa muito a desejar quando se trata de qualidade e metodologia de ensino.

O presente trabalho traz como tema a análise das práticas pedagógicas interdisciplinares na escola, e trata sobre a arte no processo educativo como sendo um campo interdisciplinar de ensino. A cerca disso nos questionamos: Como é o ensino de arte na escola? Os professores de arte possuem formação necessária para trabalhar essa disciplina de forma interdisciplinar? A escola colabora com materiais didáticos e paradidáticos para o desenvolvimento dessas práticas artísticas em sala de aula? O que o ensino de arte proporciona? Quais os objetivos que o professor busca alcançar com o ensino de arte?

Esses são questionamentos que, inquietam e colaboram para conclusão da pesquisa em arte-educação. Muitos profissionais ainda utilizam a arte em sala de aula, como um simples passatempo, sem finalidades que ultrapassem o lazer. Mas o que poucos deles sabem, é que a arte é sim uma área de conhecimento, que quando desenvolvida como tal, tem como consequência a relação significativa com os demais ramos do ensino.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (2000), a arte sempre esteve presente desde o início da história da humanidade e de sua formação cultural. A arte é a forma mais antiga do aprender, na qual podemos mostrar as transformações ocorridas ao longo da história. Ela perpassa todas as áreas do conhecimento cultural humano. É por este e diversos outros motivos que a arte passa a ser palavra chave desta pesquisa.

Essa pesquisa tem caráter qualitativo. O seu objetivo é analisar, na prática, a utilização da arte como área de conhecimento, com objetivos, fins metodológicos e fomentadora da interdisciplinaridade.

1.1. Formação Estética: O encontro com a temática através do prazer pela arte

A escolha deste tema partiu da minha própria formação estética, iniciada na infância até o presente momento de minha vida. Este percurso me mostrou que a educação é o alicerce mais importante da vida humana. Por isso é necessário que os professores atuantes tenham uma formação necessária; que a escola assuma sua responsabilidade de formar cidadãos; que as autoridades públicas coloquem a educação em primeiro plano; enfim, que todos nós acreditemos que somente a educação tem o poder de transformar a sociedade.

A motivação pela pesquisa deste tema vem principalmente das minhas experiências pessoais de vida e do meu prazer pela arte.

Desde muito cedo a arte despertou meus sentidos. Na infância adorava ver minha tia fazendo pequenas esculturas com gesso, depois ela usava pincel e tintas coloridas para dar mais beleza ao que produzia. Ainda hoje o cheirinho de gesso molhado me faz voltar ao passado. Desde então, ou muito antes talvez, cresceu em mim um enorme interesse pelas formas, cores, desenhos, pinturas, esculturas.

Meu pai sempre foi um artista nato, e com ele aprendi muitas coisas que sei hoje. Ele adorava pinturas em tecido. Pintava belos pássaros! A facilidade que meu pai tinha para o desenho e a pintura me fascinava. E o fato de não poder tocar nas pinturas do meu pai me despertava mais interesse ainda.

Foi na “Escola Tio Patinhas”, uma das poucas escolas de educação infantil, da época, que resgatava a cultura através da música, da dança, da criação, que talvez tenha me feito aprender na prática o que sempre presenciei em casa, pois lá eu podia tocar no pincel, e na tinta. Eu podia criar com minhas próprias mãos.

No ensino fundamental II, de 2000 a 2003, entre 11 e 14 anos de idade, obtive também muita informação sobre o que são manifestações artísticas. Na Unidade Escolar Mário Martins, participei de bastantes festas populares, dentre elas a quadrilha, (uma tradição anual da escola). Participei também das feiras culturais onde o que mais me interessava era a confecção de maquetes. E as várias visitas ao museu Ozildo Albano, no centro da cidade de Picos – PI. Lá encontrei histórias de artistas, escritores, cantores, etc. Pessoas que contribuíram para história da arte na cidade.

Entre as disciplinas que estudei em minha vida escolar, a arte era a que mais gostava. Apesar de muitas vezes as atividades não serem tão dinâmicas, eu sempre me divertia com as aulas de pintura, desenho ou colagem.

No ensino médio, de 2004 a 2006, foi o período em que fui descobrindo que tinha muitas habilidades artísticas, e que elas me ajudavam bastante em tudo que eu me propunha a fazer. Uma destas habilidades é o desenho. Meus desenhos sempre foram o meu desabafo. O lápis e a folha branquinha me estimulavam os pensamentos e as emoções. Nos diversos cadernos de matérias que possuí, o verso de cada disciplina ganhava um belo desenho, e com cada desenho, muitos elogios vindos de colegas de classe e professores.

Ainda neste período de 2004 a 2006, participei de um projeto chamado CRAVO (Crianças, Adolescentes e uma Vida de Oportunidades), um projeto governamental que buscava oferecer aos jovens oportunidades através da arte e do esporte. Meu pai trabalhou nestes projetos sociais governamentais como instrutor de esportes, e através dele, fui aluna do projeto. Foi lá que conheci e aprendi muitas coisas, dentre elas a dança e o teatro. Sem dúvida eu me apaixonei.

Meu professor de teatro era um homem muito espontâneo e seguro no que fazia. Foi ele que me ensinou como aflorar as emoções de ser atriz. Nada me deixava mais contente do que atuar em um palco e por meio da expressão corporal da dança e do teatro, me encontrar. Participei de muitas peças de comédia, romance, tragédia, cada uma com sua história. Histórias que hoje fazem parte da minha história.

O teatro e a dança me acompanham até hoje, assim como as diversas habilidades que desenvolvi nesse pequeno percurso de vida.

Em 2003 com 14 anos de idade, conheci o amor, foi aí que desenvolvi outra habilidade, a poesia. De tanto ler poemas e poesias de romance para escrever cartas de amor, aprendi expressar meus sentimentos através das rimas de palavras. Foi durante dois anos na ausência deste meu amor, que surgiu um belo caderno de poemas e poesias, a maioria deles expressando uma enorme saudade que sentia.

No mesmo ano, comecei praticar aulas de reforço em casa. Foi neste período que certamente descobri minha profissão. Passei sete anos ministrando aulas de reforço. Eu sentia na pele o quanto era prazeroso ensinar. Pensei que se seguisse a profissão de educadora as minhas habilidades artísticas seriam importantes, tanto para minha vida pessoal, quanto profissional.

Então, em 2006, aos 17 anos fiz vestibular para Pedagogia. Em fevereiro de 2007, prestes há completar 18 anos, recebi o resultado de que havia passado no

vestibular da Universidade Federal do Piauí.

Em 2007, consegui emprego como professora em uma pequena escola particular da minha cidade. Logo me ofereceram uma turma de alfabetização com menos de dez alunos. Pensei muito na decisão a ser tomada, pois não me sentia preparada para alfabetizar. Mesmo assim, com pouca experiência aceitei a turma e iniciei o ano letivo cheia de expectativas. No início achei que nunca iria conseguir, pois encontrei muitas dificuldades, entre elas a triste busca de um método perfeito para alfabetizar as crianças.

Como estudante de pedagogia não encontrava saída. Durante as minhas aulas na universidade fui aos poucos compreendendo que não existia um método perfeito que faria as crianças aprenderem com facilidade, pois cada uma delas tinha dificuldades diferentes.

Durante muitas atividades aplicadas em sala de aula, percebi que as que mais envolviam as crianças e despertavam mais interesse eram as atividades artísticas. Foi esta descoberta que facilitou meu trabalho, pois procurei envolver a arte em todas as disciplinas, para assim conseguir alcançar resultados satisfatórios.

As práticas interdisciplinares envolvendo a arte facilitaram o meu trabalho como alfabetizadora, e enriqueceram meu interesse pelo assunto. Utilizando materiais recicláveis pude trabalhar ciências; com a confecção de painéis utilizei revistas com palavras e gravuras; através de pequenas peças de teatro desenvolvidas na sala de aula, trabalhei a literatura, a expressão corporal, a caracterização e a leitura de frases e textos.

Na universidade durante o curso de pedagogia, fui participante como atriz em algumas peças de teatro. Produzi uma adaptação da historinha Bela Adormecida, chamada “A bela matuta adormecida”, uma comédia onde a história é semelhante ao conto da bela adormecida, mas tem traços da nossa cultura nordestina. A peça foi apresentada em sala de aula sob orientação da professora Giselda, que ministrou a disciplina Literatura Infantil no período de 2010.1.

No segundo semestre do ano de 2010, cursei uma disciplina chamada Didática da Educação Artística. Desenvolvi muitas habilidades dentre elas a leitura de obra, baseada na Metodologia Triangular de Ana Mãe Barbosa. Houve aulas de poesia, teatro, dança, música e artes visuais, relacionando teoria e prática. Finalizamos a disciplina com a confecção de um portfólio das aulas ministradas, com

informações, fotos e documentos. Para mim, foi uma das disciplinas mais proveitosas do meu currículo e de minha formação profissional.

Hoje, cinco anos após meu ingresso na universidade, prestes a completar minha primeira jornada como educadora, vim relatar nestas linhas um pouco da minha formação estética, algumas das minhas experiências artísticas e a importância da arte na minha vida.

A minha motivação por esta pesquisa não foi por acaso, por traz deste tema tem uma história de vida. A minha história de vida, que dá significação à defesa da arte como campo interdisciplinar de ensino facilitador da aprendizagem.

2. ARTE E INTERDISCIPLINARIDADE EM SEU CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO

2.1. A Arte e sua função social

Desde muito cedo convivemos com a arte nos espaços públicos dos centros urbanos. Vemos pinturas de grafite em muros e paredes da cidade, esculturas, peças de teatro. A arte faz parte da sociedade, e colabora com o aprendizado. Tanto que quando crianças, os rabiscos que fazemos num papel com lápis de cor são registros e marcas, que de acordo com a psicologia, nos permitem saber até mesmo em que estágio de desenvolvimento da linguagem escrita uma criança se encontra.

O ser humano se manifesta através da arte há muitos anos. Estudos arqueológicos nos mostram que o homem primitivo já utilizava a pintura e o desenho como forma de comunicação, ou seja, a arte já se mostrava presente desde muito antes da civilização, e já tinha uma importância fundamental, não somente para que os povos se comunicassem entre si, mas também possibilitar hoje, depois de tanto tempo, o resgate das características de uma determinada sociedade.

A arte é uma produção exclusiva do ser humano, mas, só tem sentido artístico e pedagógico quando seu destino é social, e se compartilha na sociedade como objeto de fruição que envolve o olhar, o sentir e o refletir. Assim, toda obra de arte, pela condição de sua própria natureza, só se constitui como tal, ao se deslocar do mundo particular do artista e se inserir na coletividade.

Segundo Cotrim, (2006, p.292):

Como fenômeno social, a arte possui, portanto, relações com a sociedade. Essas relações não são estáticas e imutáveis, mas, ao contrário, são dinâmicas, modificam-se conforme o contexto histórico. E envolvem três elementos fundamentais: a obra, o seu autor e o público.

Dessa forma é fácil perceber a importante relação da arte com a sociedade. O artista utiliza a arte para expressar um pensamento, uma opinião, um sentimento, produzindo assim uma obra de arte. Mas, essa obra só é completa se fizer parte do

social, despertando no público uma comunicação, uma interpretação e uma reflexão.

A arte nos permite entender até mesmo um tempo ou período histórico, pois a arte não é apenas criatividade, ela é também um fenômeno social que traduz o pensamento de uma época

Para o filósofo Adorno¹ (1992, apud AGUIAR, 2008, p.2) a concepção de arte não pode se desvincular de seu compromisso social, pois, “É por meio da análise do fenômeno artístico contemporâneo que o filósofo procura “denunciar” o caráter de manipulação do capital na arte. Crítica social e crítica artística não podem se separar quando o assunto é a consciência das pessoas”.

A escola é o principal meio de formação do cidadão, é onde se constrói e se aperfeiçoa o conhecimento, e como “O ensino da arte, hoje, é uma área do saber, uma disciplina com origem, história, questões e metodologia” (LEÃO, 2003, p.05), ela está inteiramente ligada à educação e deve estar presente no contexto escolar como sendo uma prática de ensino que possibilita a criação, produção, imaginação, auto-expressão, etc.

Ainda segundo Leão (2003, p.02):

Essa maneira de propor o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, visto que a prática educativa está embasada não no talento ou no dom, mas na capacidade de experienciar de cada um. Dessa forma, estimula-se os educadores a se arrisquem a desenhar, representar, dançar, tocar, escrever, pois trata-se de uma vivência, e não de uma competição. Uma proposta em arte que parta deste princípio traz para as suas atividades um grande número de interessados. Estas crianças e estes jovens se reconhecerão como participantes e construtores de seus próprios caminhos e saberão avaliar de que forma se dão os atalhos, as vielas, as estradas. A arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, deixando de ser aquela coisa incompreensível e elitista, distante da realidade.

Dessa forma a arte passa a ter um importante papel na escola, pois além de ser produto de cultura, é também uma atividade interdisciplinar facilitadora da aprendizagem. Se a arte faz parte de todo um contexto histórico, sua função social está inteiramente ligada à função social da escola que é a de formar cidadãos.

¹AGUIAR, Wesley F. **Adorno e a dimensão social da arte.** Disponível em <<http://www.urutagua.uem.br/15/15aguiar.odf>> Acesso em: 20 de maio de 2011.

2.2. Breve Histórico do ensino de Arte no Brasil

A história de arte tem relação direta com a cultura e educação da sociedade. Inicialmente, a educação escolar do Brasil era desenvolvida em colégios religiosos de ordem jesuíta, destinada exclusivamente à elite. A camada popular era educada apenas em missões da catequese. Com as reformas do Marquês de Pombal, e a vinda da Corte ao Brasil (1808-1821), o ensino ficou por conta do Estado.

Segundo, Ferraz e Fusari (2009, p.42),

Dentre as ações promovidas por D. João VI, gestou-se a formação de um estado político e composição do sistema educacional leigo e superior. O sistema educacional escolar ficou estruturado em três níveis: primário (das primeiras letras), secundário e superior. Foram criados também cursos profissionalizantes.

Para compreendermos a arte no ensino brasileiro é necessário, compreender como se originou nossa cultura. Por ocasião da colonização fomos submetidos a um transplante da cultura portuguesa: pensavam-se e viviam-se os valores e sentidos europeus, que pouco tinham a ver com as condições reais da terra.

A educação colonial brasileira era basicamente a transmissão da cultura européia, para as gerações brasileiras, ou seja, uma cultura totalmente alheia à realidade.

Segundo Barbosa, (1983, p.24), o barroco foi o primeiro produto de cultura brasileiro. Trazido de Portugal, essa arte barroca ganhou pelas mãos de artesãos e artistas brasileiros, características de cunho nacional. O estilo Barroco-rococó dominante na Bahia, Minas Gerais e Pernambuco, foi lentamente exprimindo os valores nacionais.

Até então, o ensino de arte só existia através destas oficinas de arte barroca que eram a única forma de educação popular na época.

Foi com a vinda de diversos artistas franceses em 1816, que o ensino sistemático da arte iniciou-se. A intenção da missão francesa era implantar o estilo

neoclássico da cultura europeia no Brasil. Segundo Silva e Araújo (2003, p.04),

Todos os membros da Missão Francesa possuíam uma orientação neoclássica, que marcou o seu modo de ensinar arte. No ensino, nessa orientação predominava basicamente o exercício formal da produção de figuras, do desenho do modelo vivo, do retrato, da cópia de estamparias, obedecendo a um conjunto de regras rígidas. No texto legal, o ensino da arte nos moldes neoclássico era caracterizado como acessório; um instrumento de modernização de outros setores, e não como uma atividade com importância em si mesmo.

Le Breton (1760-1819), chefe da Missão Francesa, quis repetir em nosso país o modelo das academias de arte europeia, fundando assim, a Escola de Ciências, Artes e Ofícios do Rio de Janeiro que em seguida mudou de nome, passando a se chamar, Escola Imperial de Belas Artes.

Nesse período, em todos os níveis de ensino, sejam elas séries iniciais, primário, secundário, ou normal, o desenho técnico e geométrico era considerado disciplina obrigatória, e de fundamental importância, principalmente porque, preparava a mão-de-obra para desenvolver habilidades técnicas nas indústrias nacionais. Segundo Silva e Araújo² (2003, p.05):

(...) a orientação de ensino de arte como técnica parte basicamente de dois princípios: (1) a efetivação do processo de aprendizagem da arte através do ensino de técnicas artísticas, para uma formação meramente propedêutica, que visa, como por exemplo, à preparação para vida no trabalho; (2) e na utilização da arte como ferramenta didático-pedagógica para o ensino das disciplinas mais importantes do currículo escolar, tais, como Matemática e Língua Portuguesa.

2.2.1. O ensino de arte e as tendências pedagógicas

Na primeira metade do século XX, na Escola Tradicional, o ensino primário e secundário ainda era voltado para o domínio técnico e preparação para o trabalho. Os desenhos geográficos eram os mais utilizados.

²SILVA, Everton M. A. ; ARAÚJO, Clarissa M. de. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira**: um estudo a partir da trajetória histórico e sócio-epistemológica da arte/educação. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo-estudos/GE01-3073--res.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2011.

Nessa concepção tradicional de educação, o que vale sempre é o *produto* a ser alcançado: é mais importante o *resultado* dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em arte. Isto ficava (e fica ainda) evidente pela preocupação com as mostras dos trabalhos em finais de períodos escolares, como ocorria também com as apresentações de música (canto orfeônico), de teatro e até de dança, especialmente preparadas para esse fim. (FERRAZ;FUSARI, 2009, p.45)

É importante frisar ainda, que na pedagogia tradicional, o conhecimento era centrado apenas no professor, e os conteúdos transmitidos sem nenhuma relação com a realidade social e cultural, nem tão pouco, relacionados ao conhecimento do aluno. A criação era praticamente inaceitável. O ensino tradicional, o ensino e aprendizagem de arte visavam apenas à transmissão de conteúdos desvinculados da realidade social.

Entre os anos 20 e 70, surge a Pedagogia Nova, com ela as escolas vivenciavam novas experiências quanto ao ensino da arte e educação.

Segundo Ferraz e Fusari, (2009, p.47),

A “Pedagogia Nova”, também conhecida por Movimento da Escola Nova, tem suas origens na Europa e Estados Unidos (século 19), e no Brasil vai surgir a partir de 1930, passando a ser disseminada dos anos 40 aos 60 com as escolas experimentais. Esse movimento surgiu com o *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova* (1932) e foi resultante das reivindicações e conscientização de diversas mobilizações sociais sobre a necessidade de democratização da educação brasileira.

A Escola Nova desloca a ênfase para o processo de desenvolvimento do aluno valorizando expressão e criação, hoje muitas das práticas artísticas desenvolvidas nas escolas são herdadas da tendência pedagógica da Escola Nova.

Dessa forma, o ensino de arte

(...) direciona-se para a expressão livre da criança e o reconhecimento do seu desenvolvimento natural. O movimento modernista favorece muito essa nova interpretação e surgem debates sobre a importância da livre expressão como um fator da formação artística e estética. Como decorrência desses fatos, as novas orientações artísticas fortaleceram o reconhecimento e valorização do desenho espontâneo, por exemplo, como condição para um novo processo educativo no qual aprender é igual a aprender fazendo e com liberdade. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.49)

Entre os anos de 1960/1970, manifesta-se a pedagogia tecnicista,

acompanhando as mudanças industriais e tecnológicas. Na Tendência Tecnicista o professor assume uma posição secundária, e o sistema técnico da escola assume o papel de preparar o estudante para o moderno mundo do trabalho centrado no uso de novas tecnologias.

Segundo Ferraz e Fusari, (2009, p.52),

Na “Pedagogia Tecnicista”, o professor tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, *pois o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso*”.

Em 1971, na Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar como Educação Artística, mas é considerada apenas uma atividade educativa e não uma disciplina.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). Para agravar a situação, durante os anos 70-80, tratou-se dessa formação de maneira indefinida: “... não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. A Educação Artística demonstrava, em sua concepção e desenrolar, que o sistema educacional vigente estava enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática. (BRASIL, 2000, p.28)

Apesar de ter sido um grande avanço na história da arte no Brasil, ainda existia neste período uma carência significativa de professores habilitados na área. Era o próprio professor polivalente que ensinava arte.

Somente em 1973, criaram-se cursos de licenciatura em educação artística, que preparava os professores polivalentes para as aulas de educação artística. Segundo Barbosa (2003, p. 03), no mesmo ano, o Ministério da Educação organizou um curso preparatório para representantes de cada estado brasileiro, com a finalidade de orientá-los sobre a implantação da nova disciplina, e encarregá-los de elaborar o guia curricular de educação artística do estado. Entretanto poucos

estados desenvolveram este trabalho.

Na década de 1980, podemos destacar a Proposta Triangular do Ensino de Arte, sistematizada por Ana Mae Barbosa e suas colaboradoras, como um marco na nova concepção do ensino de arte. Segundo Barbosa (1998^a, apud SILVA; ARAÚJO, 2003,p.15),

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar aos componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutinação de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelasal Aire Libre mexicanas, o CriticalStudies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline BasedArtEducation) americano.

Nesta Abordagem Triangular o professor é apenas mediador do conhecimento que o próprio aluno constrói, baseando-se em sua própria concepção crítica do mundo que o cerca.

Em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDBEN) nº9.394/96 no seu art.26, §2º afirma: “O ensino da arte consistirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

De acordo com a lei apresentada, o ensino da arte passa a ser considerado obrigatório na educação básica, sendo desenvolvido não apenas como mera atividade lúdica, mas sim como componente fundamental no desenvolvimento cultural dos alunos. Hoje, a arte é uma área do conhecimento obrigatória na educação básica, pois

(...) tem como objetivos explorar e desenvolver as potencialidades de cada um, levar o aluno a novas descobertas, buscar promover a conscientização e a efetiva participação no processo de vida e também, valorizar as relações interpessoais na integração entre o conhecimento e as experiências de vida por meio da arte, dar condições ao aluno de ampliar seu mundo de respostas em situações diversas de forma espontânea e criativa.” (FERREIRA, 2008, p.53).

Desta forma é importante para nós educadores acreditarmos em uma

educação transformadora, onde as práticas e métodos de ensino sejam diversificados e inovadores, onde as diferentes culturas da sociedade tenham interação significativa. Não podemos mais reduzir o ensino de arte ao desenvolvimento de meras atividades artísticas fragmentadas e descontextualizadas, pois, a arte tem conteúdos específicos, a arte é conhecimento.

2.2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte

Como uma proposta educativa para possibilitar um ensino de qualidade nas escolas, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais, iniciados em 1995 pelo Ministério da Educação e Desporto, por intermédio da Secretaria de Educação Fundamental. Este documento traz consigo novas idéias e procedimentos metodológicos que auxiliam o professor na sua tarefa tão importante, a de formar cidadãos.

Nos PCNS o professor encontra subsídios para refletir suas práticas pedagógicas e conseqüentemente modificá-las, levando em conta a constante mudança na sociedade.

O PCN de Arte vem sugerir ao professor as possibilidades de desenvolvimento artístico e estético do aluno. Nele encontramos objetivos, conteúdos, critérios de avaliação, orientações didáticas, dentre outros. O PCN de Arte engloba quatro conteúdos, são eles: Artes visuais; Dança; Música e Teatro. Cada um deles com sua importância cultural e histórica, e suas formas de expressão e comunicação.

Neste documento a Abordagem Triangular aparece denominada como eixos norteadores da aprendizagem e seguem como: produção artística; fruição e reflexão. É através destes eixos norteadores da aprendizagem que os conteúdos se organizam, envolvem:

- a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;

- a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos. (BRASIL, 2000,p.30).

Ou seja, primeiro a *produção artística* - a criação pessoal do aluno; segundo a *fruição* - apreciação do trabalho produzido não somente por quem produz, mas também pelo público, dando assim significados diferentes a obra e estabelecendo um diálogo; e terceiro a *reflexão* – refletir sobre o que foi produzido, qual mensagem, a produção traduz em seu contexto, na visão de si e do outro. Esse refletir é também conhecer a história da arte e suas condições de produção.

A visão do PCN de Arte abrange não somente as práticas e metodologias do ensino de arte, mas deixa bem explícita a relação favorável desta área nas demais disciplinas do currículo escolar. Isso porque com a arte, o aluno desenvolve sua percepção, sensibilidade e imaginação, qualidades essenciais em todo processo de aprendizagem humana e sua relação com a sociedade.

Assim como na LDBN e as orientações dos PCNs vemos a consolidação da posição da área de Arte como área de conhecimento e estudo na educação escolar e, conseqüentemente, o reconhecimento de sua importância na formação e desenvolvimento de crianças e jovens. (FERRAZ;FUSARI, 2009, p.58)

Infelizmente a realidade do ensino de arte nas escolas é bem diferente da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As dificuldades são diversas e a arte acaba se tornando apenas uma simples atividade de pintura, sem significação, sem importância para aprendizagem estética e artística do aluno.

2.3. A Interdisciplinaridade da Arte

Todos nós seres humanos nascemos com a capacidade de aprender, mas para que o saber se construa, é necessário haver uma interação com o mundo, uma aproximação e experimentação do objeto de conhecimento.

No início da história do ensino brasileiro, a escola formava mão-de-obra

preparada para indústrias, treinava pessoas para se tornarem operários. Hoje em pleno século XXI, onde a tecnologia avança cada dia mais, a escola ainda utiliza métodos de ensino ultrapassados, que pouco tem haver com a realidade.

Predomina ainda hoje nas escolas um modelo multidisciplinar de ensino, onde os professores coordenam matérias do currículo de forma fragmentada. As disciplinas são repassadas sem nenhuma relação aparente entre si, e os planos diários repetem-se todos os anos, sem nenhuma renovação.

O currículo escolar deve sofrer alterações significativas em busca da qualidade do ensino. Uma destas alterações é a troca do modelo multidisciplinar para interdisciplinar, pois com os avanços tecnológicos da sociedade a escola tradicional perde seu espaço para mídia. O modelo multidisciplinar fragmenta as informações, e muitos conteúdos ficam sem sentido quanto a sua importância, assim o próprio aluno perde o interesse pela escola. A prática interdisciplinar proporciona a aprendizagem aberta às novas descobertas.

Mas para uma prática escolar interdisciplinar é necessário uma série de mudanças de atitudes a serem adotadas pela escola, que de certa forma resiste às mudanças. Andrade³ aponta algumas características ou “pistas” para transformação deste currículo, são elas:

- Perceber-se interdisciplinar, sentir-se "parte do universo à parte" (Fazenda); (resgatar sua própria inteireza, sua unidade);
- Historicizar e contextualizar os conteúdos (resgatar a memória dos acontecimentos, interessando-se por suas origens, causas, conseqüências e significações; aprender a ler jornal e discutir as notícias);
- Valorizar o trabalho em parceria, em equipe interdisciplinar, integrada (tanto o corpo docente como o corpo discente), estabelecendo pontos de contato entre as diversas disciplinas e atividades do currículo;
- Desenvolver atitude de busca, de pesquisa, de transformação, construção, investigação e descoberta;
- Definir uma base teórica única como eixo norteador de todo o trabalho escolar, seja ideológica (que tipo de homem queremos formar), psicopedagógica (que teoria de aprendizagem fundamenta o projeto escolar) ou relacional (como são as relações interpessoais, a questão do poder, da autonomia e da centralização decisória na escola);
- Dinamizar a coordenação de área (trabalho integrado com conteúdos afins, evitando repetições inúteis e cansativas), começando pelo confronto dos planos de curso das diversas disciplinas, analisando e refazendo os programas, em conjunto, atualizando-os, enriquecendo-os ou "enxugando-os", iniciando-se assim, uma real revisão curricular;
- Resgatar o sentido do humano, o mais profundo e significativo eixo da interdisciplinaridade, perguntando-se a todo momento: - "o que há de aprofundamento humano neste novo conteúdo?" ou – "em que este

conteúdo contribui para que os alunos se tornem mais humanos?"

- Trabalhar com a pedagogia de projetos, que elimina a artificialidade da escola, aproximando-a da vida real, e estimula a iniciativa, a criatividade, a cooperação e a co-responsabilidade. Desenvolver projetos na escola é, seguramente, a melhor maneira de garantir a integração de conteúdos pretendida pelo currículo interdisciplinar. (ANDRADE, 1995, p.06).

O modelo interdisciplinar de ensino proporciona a interação e a comunicação entre as disciplinas, uma visão de totalidade, onde não existem fronteiras entre as áreas do conhecimento.

Considerar a Arte como sendo um campo de conhecimento interdisciplinar é encontrar uma alternativa clara e dinâmica de se trabalhar as demais disciplinas escolares. A arte é uma ferramenta didática que pode ser utilizada para se desenvolver métodos diversificados de se trabalhar Ciências, Matemática, História, Português. Logo porque, a arte é um fenômeno cultural, presente em todo processo educacional.

Os PCNS também apontam que a arte,

(...) favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as demais disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorece abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. (BRASIL,2000, p.19).

Ou seja, a arte está na cultura, na história, nos valores da humanidade. Desenvolver trabalhos criativos em sala de aula, de forma a atender as necessidades dos alunos, favorece o desempenho do aluno nas disciplinas do currículo, como também em sua vida social.

³ANDRADE, Rosa M. C. de. **Interdisciplinaridade Um novo paradigma curricular**. Disponível em <<http://ntefo.vilabol.uol.com.br/interdisciplinaridade.htm>> Acesso em: 20 de setembro de 2011.

A arte é uma forma diferente de ver o mundo, por meio da experiência, da criação, da fruição, e da reflexão, é possível despertar no aluno seus sentidos, seus pensamentos, seus valores e sentimentos, e conseqüentemente sua visão crítica do mundo.

Sendo a interdisciplinaridade uma forma dinâmica de aprendizagem, uma visão mais completa do conhecimento, o aluno é o protagonista da sua experiência, e o professor o mediador do saber, aquele que provoca o aluno a pesquisar, a descobrir.

Para Ferreira (2008, p.55):

É papel do professor repensar sua prática educativa, lembrando que as atividades lúdicas e a criatividade são bases necessárias para o desenvolvimento do ser humano. A criatividade não pode ficar restrita às atividades de pintura, desenho, colagem, modelagem, ela deve ser a base de todo o processo educacional. A arte deve estar presente em todas as disciplinas, por meio de atividades interdisciplinares.

Portanto, a arte não deve restringir-se a simples atividades de “passa tempo”, pois ela é muito mais que isso, a arte é área do conhecimento, importante por si só e pela sua interação com as diversas áreas do conhecimento humano.

A arte é o elemento que possibilita romper com as fragmentações das disciplinas do currículo, fazendo com que as experiências de aprendizagem sejam mais amplas, envolvendo a imaginação, o prazer pelo novo, a criatividade, o respeito pela cultura do outro, o raciocínio, a lógica, a sensibilidade, ou seja, possibilitando que o ensino seja flexível

3. ENFATIZANDO A INTERDISCIPLINARIDADE ATRAVÉS DA ARTE NA ESCOLA MUNICIPAL GABRIEL HENRIQUE

3.1. Percurso Metodológico

Esta pesquisa é um estudo de caso de caráter qualitativo, do tipo etnográfica em educação. Segundo Ludk e André (1986, p.17), o estudo de caso é o estudo de um só caso. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. Tem um interesse próprio, singular. O estudo de caso possui características semelhantes a pesquisa qualitativa pois, é rico em dados descritivos, e usa uma variedade de fontes de informação.

Esta pesquisa é também uma prática de investigação etnográfica. Segundo Geertz (1989; apud. MATOS, 2001, p.40), a descrição é interpretativa, pois, a interpretação expressa o acontecer social e busca salvar o “dito”, através do registro, transformando-o em material de pesquisa.

A intenção desta pesquisa qualitativa é estudar como a interdisciplinaridade se manifesta através do ensino da arte durante as atividades, os procedimentos e as interações cotidianas em uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Picos – PI.

Os dados coletados são predominantemente descritivos, com um grande número de elementos presentes nas situações estudadas. A coleta destes dados deu-se a partir da observação direta com o ambiente e a situação investigada. A observação direta de certa forma permite

(...) que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações” (LUDKE;ANDRÉ, 1986, p.26).

As observações ocorreram de três a quatro vezes por semana, durante dois

meses, em um intervalo de duas a três horas por dia.

O foco das observações foi a prática interdisciplinar de ensino por intermédio da arte. Com este propósito em mente, iniciei a coleta de dados buscando informações gerais da escola, em seguida mantive o foco e iniciei um registro detalhado das aulas.

A partir da descrição etnográfica de algumas aulas segue-se a parte reflexiva da pesquisa, apontando problemas e dificuldades encontradas.

A estrutura do trabalho está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo trás o título: Arte e interdisciplinaridade em seu contexto social e histórico. Este capítulo aponta aspectos sobre o que vem a ser arte; a importância da arte na sociedade; a história do ensino de arte no Brasil e qual a possibilidade pedagógica interdisciplinar com a utilização da arte nas diversas áreas do conhecimento. No segundo capítulo temos o título: Enfatizando a interdisciplinaridade através da arte na escola municipal Gabriel Henrique⁴. É uma análise crítica do ensino de arte apontando quais as dificuldades de se trabalhar arte na escola, que benefícios a arte trás para educação formal, e principalmente qual a interação pedagógica que os professores mantêm entre o ensino de arte e as demais disciplinas.

Neste capítulo proponho-me analisar o ensino de arte em aulas com praticas interdisciplinares. Para isso foi realizado um estudo de caso em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Picos – PI.

A caracterização da instituição onde realizou-se a pesquisa e as observações das aulas de arte foram feitas através de uma pesquisa do tipo etnográfica em educação. Na coleta das informações procurou-se fazer uma análise qualitativa, com a descrição de alguns dados da instituição.

Após o registro de todas as informações, farei uma análise do que foi coletado para então chegar ao resultado da pesquisa. Os aspectos apontados servirão de guia para futuras reflexões sobre a capacidade pedagógica da arte como fomentadora da interdisciplinaridade.

⁴A nomenclatura Escola Municipal Gabriel Henrique, por questões de ética na pesquisa social, é usado como nome fictício.

A observação de campo ocorreu no período de 22 de agosto a 21 de outubro de 2011. No turno da tarde, num intervalo de duas a três horas por dia, quatro vezes por semana, um total de trinta e seis visitas à escola.

Nas visitas observei não somente as aulas na sala de aula, mas também outros pontos de fundamental importância para o processo, como a estrutura física da escola, os funcionários, o recreio, a limpeza, a merenda escolar, os espaços de lazer, etc. Além de conversas informais com os funcionários.

Durante a pesquisa muitos aspectos foram observados, dentre eles relacionei os que considero mais importantes para esclarecer o fenômeno em estudo, sendo descritos e analisados a seguir:

3.2. Características da escola

A Escola Municipal Gabriel Henrique é um estabelecimento público de ensino, vinculado a Secretaria Municipal da Educação de Picos. Funciona a quatro anos na cidade nos turnos da manhã, tarde e noite. Atende uma população de nível sócio-econômico baixo. Recebe alunos do ensino infantil; fundamental I e o ensino regular noturno, somando aproximadamente um total de duzentos e cinquenta alunos. A escola Gabriel Henrique foi escolhida como foco da pesquisa, por fazer parte do meu ambiente social quanto educadora.

O quadro de funcionários é composto por: uma secretária; duas zeladoras; duas merendeiras; um vigilante; uma diretora (com pós-graduação em gestão e supervisão escolar) e dezessete professores concursados (todos com Licenciatura em Pedagogia).

3.2.1. Estrutura da escola

À primeira vista, a escola pareceu-me uma casa, com uma construção já antiga, bem pequena e com pouco espaço de lazer. Na entrada um pequeno portão branco, trancado por um cadeado. Na parede externa o nome da escola pintado na

cor azul. Aos arredores algumas casas. Ao fundo um grande condomínio de luxo.

A escola possui um corredor que dá acesso às salas de aula somadas em seis. No início do corredor temos uma pequena secretaria onde funciona também a direção e a biblioteca. Em seguida temos uma sala de informática com cerca de dez computadores novos ainda nas caixas. No final do corredor temos uma cantina; dois banheiros; um bebedouro e um pequeno espaço livre, utilizado para o recreio. A escola não dispõe de espaços estruturados com tamanho suficiente para realizar atividades fora da sala de aula.

As paredes internas da escola são pintadas na cor verde e laranja. Nela encontramos muitas gravuras de pássaros, árvores, flores, crianças, etc. A área tem pouca iluminação e ventilação natural. Mesmo durante o dia as lâmpadas são acesas, e os ventiladores ligados, auxiliando na ventilação. De maneira geral constatamos que a escola é bem limpa, e a merenda oferecida aos alunos é de boa qualidade composta de alimentos saudáveis como verduras e frutas.

Quanto aos recursos técnicos, a escola dispõe de um mimeógrafo, uma TV, um DVD e dez computadores. Quanto aos materiais didáticos, encontrei na secretaria resmas de papel e uma variedade de livros paradidáticos. Nas salas de aula alguns lápis de cor, massa de modelar e cadernos.

Por ser o local de acolhida dos alunos, a sala de aula deve causar uma impressão de aconchego, alegria e motivação. Nas salas de aula as paredes são bem ornamentadas com gravuras e lembretes, mas possuem formas irregulares e são bastante rabiscadas. Pela grande quantidade de alunos em algumas das salas de aula da escola, o espaço fica bem restrito às atividades, e as crianças sufocadas. As carteiras e mesas estão em bom estado de conservação, e atendem suficientemente bem o total de alunos.

3.3. As Aulas

As aulas observadas foram o ponto principal para elaboração deste trabalho, pois, proporcionaram uma melhor visão da realidade acerca do alvo principal da

pesquisa: as práticas de ensino utilizadas pelo professor em sala de aula, enfatizando a interdisciplinaridade através do ensino da arte.

Em algumas das aulas observadas, a professora utilizava poucos materiais de apoio como o livro didático, o caderno, o quadro, e o pincel. Quanto às atividades destinadas aos alunos utilizava-se o livro; o caderno e folhas mimeografadas.

A relação da professora com os alunos era, ora harmoniosa; ora estressante. Em alguns momentos era fácil perceber a falta de acompanhamento da professora em relação aos alunos com dificuldades de aprendizagem, talvez a justificativa fosse o número excessivo de alunos e a falta de domínio de turma.

O trabalho de questões disciplinares e de conscientização era feito através de conversas informais. As práticas interdisciplinares foram quase inexistentes, o que encontrei foi um modelo de ensino fragmentado e multidisciplinar.

Mesmo nas séries iniciais onde o professor exerce a função de polivalente, não havia integração das áreas do conhecimento, e muito pouco com o auxílio das atividades artísticas.

A professora nem sempre tratava de assuntos extracurriculares. Seu trabalho sempre era restrito à sala de aula, logo porque não existe um espaço adequado na escola para ser explorado e se desenvolver trabalhos de campo.

As atividades artísticas encontradas durante a pesquisa resumiram-se a atividades estereotipadas, como colorir desenhos mimeografados (formas geométricas; personagens de histórias; números; letras) e fazer desenhos livres.

A fim de me aproximar melhor desta realidade utilizarei como ponto de partida as aulas observadas durante a pesquisa. Apresentarei a seguir a descrição de cinco aulas ministradas na série do 1º ano (alfabetização) da escola municipal Gabriel Henrique.

Aula 01: Os profissionais

Data: 14/setembro/2011 (quarta-feira)

Duração: 2h/aula

Série: 1ºano

A professora entra na sala de aula. São 13h20min e apenas alguns poucos alunos aguardam. Ela põe sua bolsa e seus cadernos sobre a pequena mesa de madeira, em seguida fecha a porta. A aula inicia com uma conversa informal sobre as ações do dia anterior. A professora pega o pincel de cor azul que está em sua bolsa, em seguida escreve no quadro o assunto do dia: Profissionais. Ela pergunta: “-Este é o nosso tema do dia, o que está escrito aqui? Alguns poucos alunos se arriscam na leitura da palavra.

A professora logo inicia a explicação oral do conteúdo, enfatizando a importância fundamental de alguns profissionais para nossa vida. Aos poucos outros alunos vão chegando e entrando. A professora faz algumas perguntas: “O que o médico faz?”, “O que o padeiro faz?”, “o que vocês querem ser quando crescerem?”. Os alunos respondem em voz alta, mas pouco se entende as respostas, pois todos respondem ao mesmo tempo. A professora utiliza apenas a voz e as gravuras do livro para expor o conteúdo da aula.

Os alunos conversam durante a explicação e apenas alguns participam. A professora pára diversas vezes para reclamá-los sobre o barulho.

As conversas diminuem por alguns instantes, mas logo recomeçam. Mesmo diante da situação, a professora continua a explicação sempre tentando falar mais alto que os alunos.

Terminada a explanação do conteúdo, a professora muda alguns alunos de lugar, como forma de evitar as conversas paralelas, em seguida pede que peguem os cadernos para copiar a atividade que ela passaria no quadro.

As questões pediam que os alunos escrevessem a profissão do pai e da mãe, pedia que fizessem um desenho do profissional que cada um desejaria ser quando crescer.

Após copiar todas as cinco questões relacionadas ao conteúdo explanado, a professora passa nas carteiras dos alunos observando quem está copiando corretamente a atividade do quadro acrílico. Ela espera que todos terminem a atividade e logo em seguida pede que os alunos respondam, ela vai auxiliando-os na leitura das perguntas e nas respostas.

Aula 02: Os sons do s e z

Data: 19/setembro/2011 (segunda-feira)

Duração: 2h/aula

Série: 1º ano

A aula inicia-se às 13h15min, a professora chega e acolhe os alunos com uma boa tarde. Organiza todos em suas carteiras, em seguida pede que peguem seus cadernos para correção da atividade do dia anterior. A professora pega seu pincel e inicia a correção no quadro acrílico. O conteúdo da atividade refere-se aos sons de s e z. As questões são baseadas na separação e junção das palavras com s e z.

Cerca de seis alunos pegam os cadernos para correção, outros cinco nem fizeram a tarefa, e outros três nem mesmo caderno tem na mochila. Mesmo assim a professora faz a correção de forma oral com o auxílio do quadro, explicando e perguntando as respostas aos alunos, mesmo aqueles que não fizeram a tarefa de casa.

Após a correção da atividade a professora resolve fazer um ditado de frases no caderno relacionadas aos sons do s e z. Os alunos que têm caderno pulam a página da atividade, e passam para uma folha em branco, e os que não tem caderno, recebem das mãos da professora uma folha avulsa para concluírem a atividade.

A professora inicia o ditado de frases. Dez frases são ditadas. Os alunos têm muitas dúvidas quanto à escrita das palavras, por isso encham a professora de perguntas durante o ditado e isso gera muito barulho. Para esclarecer as dúvidas dos alunos e então acalmá-los, a professora vai escrevendo as frases no quadro acrílico após ditá-las, e os alunos apenas transcrevem para o caderno de forma correta.

Depois do ditado, a professora passa nas carteiras para conferir se todos os alunos fizeram a atividade. Alguns deles não conseguiram terminar antes da hora do recreio, mesmo assim guardaram os cadernos.

Aula 03: Adição

Data: 20/setembro/2011 (terça-feira)

Duração: 2h/aula

Série: 1º ano

São 14h00min, e após acolher os alunos na porta da sala de aula, a professora pergunta se todos eles trouxeram o livro de matemática. Alguns respondem que sim, outros que não.

A professora pede que os alunos façam silêncio para que ela possa iniciar a aula. Em seguida faz questões de soma no quadro acrílico, nestas questões os alunos teriam que escrever o número correspondente a soma dos algarismos. Ao lado de cada questão a professora desenha alguns objetos como bolinhas, lápis e flores, para facilitar na contagem das unidades. Alguns alunos são chamados ao quadro para responder as somas. Eles contam de um a um os objetos, em seguida escrevem na frente o número correspondente ao resultado. A professora faz a pergunta ao restante da turma: “-Tá certa a resposta dele (a)?”, os alunos respondem positivamente em voz alta, alguns mesmo sem saber a resposta correta. Em seguida ela vai contando os objetos desenhados em voz alta para que todos os alunos acompanhem a soma. então confere a soma.

Após ter chamado alguns alunos no quadro, e ter explanado um pouco de adição, a professora pede que as crianças abram o livro na página 100. Ela explica aos alunos a questão a ser respondida, mas poucos ouvem o que ela diz. Na questão sugerida, os alunos têm que pintar de determinada cor a quantidade de objetos correspondentes ao número sugerido, em seguida fazer a soma dos objetos semelhantes.

Mesmo tendo entendido pouco a explicação os alunos ficam ansiosos em busca de lápis de cor para iniciar a pintura. A professora organiza as crianças fazendo com que o que não possui lápis de cor sente-se perto de um coleguinha que possua. E assim aos poucos as crianças vão se acalmando e respondendo a atividade com o auxílio da professora.

São 15h00min, é o horário do recreio, e a turma bem depressa guarda os

materiais e correm desesperadamente para a fila do lanche.

Aula 04: 21 de setembro dia da árvore

Data: 21/setembro/2011 (quarta-feira)

Duração: 2h/aula

Série: 1º ano

São 13:10h, a professora entra na sala de aula, fecha a porta e deseja uma boa tarde. Os alunos respondem com tranquilidade, ela logo inicia uma conversa informal sobre o dia 21 de setembro, Dia da Árvore. A professora pergunta para os alunos sobre a importância das árvores para nossa vida. Um dos alunos responde que é pela sombra que ela faz. Outros respondem que é pelos frutos, e assim seguem as respostas, quase todas ao mesmo tempo.

A professora concorda com todas as respostas e logo complementa e explica que as árvores são importantes, pois são responsáveis pelo nosso oxigênio, pela nossa alimentação, pela fabricação de muitos móveis que utilizamos, da borracha, do lápis, enfim de uma série de coisas que facilitam nossa vida. Falou do risco que as árvores corriam diante do desmatamento, da poluição e das queimadas, e logo finalizou dizendo que comemoramos o dia da árvore em 21 de setembro.

A professora entrega folhas avulsas e pede que os alunos façam desenhos retratando o dia da árvore.

Os alunos ansiosos preparam o lápis de cor e logo dão início ao trabalho de artes. O desenho de quase todos eles consistiu-se em uma árvore no centro da folha de papel, onde a folhagem era verde, cheia de maçãs vermelhas, e um tronco marrom.

Em alguns outros desenhos tinha um rio azul cheio de peixes, um sol amarelo na parte superior da folha, um arco-íris, e a chuva.

Após todos concluírem os desenhos e as pinturas, a professora recolheu as atividades. Pegou seu pincel azul, e escreveu todas as letras do alfabeto maiúsculo

e minúsculo, e ao lado de cada um, sua família ex: b – ba,be,bi,bo,bu.

A professora pediu que todos lessem com ela em voz alta as sílabas. Os alunos quase gritando, liam todos juntos.

Antes do recreio, a professora fez ainda no caderno um ditado de dez palavras com os alunos.

Aula 05: Inversões (as-es-is-os-us)

Data: 17/outubro/2011 (segunda-feira)

Duração: 2h/aula

Série: 1º ano

A aula inicia às 13h15min, após a professora acolher os alunos. A professora deseja uma boa tarde e logo introduz a aula agradecendo aos alunos pelas homenagens feitas ao dia do professor em forma de cartinhas. Ela pega todas as cartinhas e recadinhos deixados pelos alunos, e lê uma a uma, sempre agradecendo a criança pelo carinho.

A professora escreve no quadro acrílico o tema do dia: Inversões: as, es, is, os, us. Em seguida pede que os alunos façam silêncio para iniciar a explicação. Ela trabalha o tema através de uma explanação no quadro acrílico, mostra as inversões do sa, pelo as; do se pelo es; do si pelo is; do so pelo os e o su pelo us.

A professora lê cada uma das inversões oralmente sempre pedindo a participação do aluno. Em seguida pede que citem palavras referente as inversões. Os alunos citam muitas palavras dentre elas: basquete; escola; lápis; óculos; cuscuz. A professora vai escrevendo no quadro, e fazendo uma lista de palavras.

Após a explanação do conteúdo. Os alunos são solicitados pela professora a abrir o livro de português na página 121, e responder a atividade de três questões relacionadas ao tema estudado.

3.4. Análise Crítica-reflexiva

Considerando as descrições feitas no decorrer do trabalho de campo obtive muitas informações referentes à escola e seu contexto. Para análise crítica-construtiva destas situações apontarei algumas categorias empíricas referente às aulas observadas, categorias estas que foram elaboradas a partir da identificação das maiores dificuldades da escola em desenvolver corretamente o ensino de arte.

3.4.1. Introdução das aulas

A introdução do conteúdo é o primeiro passo para despertar o interesse das crianças pela aula. Para isso é necessário ter criatividade, e buscar formas diferentes de chamar a atenção dos alunos. As atividades artísticas são sempre ótimas opções.

Vejamos os exemplos. “Aula 01”: *“A professora pega o pincel de cor azul que está em sua bolsa, em seguida escreve no quadro o assunto do dia: Profissionais”. “A professora logo inicia a explicação oral do conteúdo, enfatizando a importância fundamental de alguns profissionais para nossa vida”.*

“Aula 02”: *“A professora pega seu pincel e inicia a correção no quadro acrílico. O conteúdo da atividade refere-se aos sons de s e z. As questões são baseadas na separação e junção das palavras com s e z”*

“Aula 03”: *“A professora pede que os alunos façam silêncio para que ela possa iniciar a aula. Em seguida faz questões de soma no quadro acrílico, nestas questões os alunos teriam que escrever o número correspondente à soma dos algarismos”*

“Aula 05”: *“A professora escreve no quadro acrílico o tema do dia: Inversões: as, es, is, os, us. Em seguida pede que os alunos façam silêncio para iniciar a explicação”*

Nos trechos destacados a professora segue o mesmo procedimento, inicia a aula escrevendo no quadro acrílico o assunto a ser trabalhado no dia, e em seguida

dá-se uma explanação oral do conteúdo. Características estas semelhantes ao ensino tradicional.

Uma boa alternativa interdisciplinar para dinamizar a introdução das aulas seria utilizar a arte para provocá-los, motivá-los à descoberta do assunto a ser trabalhado. Utilizar um vídeo que aborde o conteúdo, uma música, ou talvez apenas gravuras, seria uma boa dica. Em seguida a professora faria perguntas aos alunos sobre o que viram ou ouviram, introduzindo assim o assunto. E para enriquecer, trabalharia através de conversas informais.

Somente na “Aula 04”, a professora introduziu a aula com conversas informais a cerca do conteúdo, fez perguntas, trocou experiências com os alunos, e em seguida utilizou o desenho para enriquecer o conteúdo.

“O papel do professor é fundamental para criar situações de aprendizagens desafiadoras, em que a arte, o lúdico e o cognitivo estejam sempre presentes na educação da criança” (FERREIRA, 2008, p.54).

3.4.2. Avaliação das aulas

Outro ponto importante observado nas aulas é a aplicação das atividades. Em quase todas as aulas as atividades são escritas. Os alunos retiram as questões do quadro, e escrevem no caderno. Esta forma de avaliar o conteúdo trabalhado ajuda na escrita, mas ao mesmo tempo dificulta. Por exemplo, alguns dos alunos até sabiam escrever no caderno a atividade do quadro, mas não tinham noção do que escreviam.

As atividades artísticas também podem contribuir para uma avaliação rica em conhecimento. Segundo o PCN de Arte,

Ao avaliar, o professor precisa considerar a história do processo pessoal de cada aluno e sua relação com as atividades desenvolvidas na escola, observando os trabalhos e seus registros (sonoros, textuais, audiovisuais). O professor deve guiar-se pelos resultados obtidos e planejar modos criativos de avaliação dos quais o aluno pode participar e compreender: uma roda de leitura de textos dos alunos, ou a observação de pastas de trabalhos, escuta de músicas ou vídeos de dramatizações podem favorecer a compreensão sobre os conteúdos envolvidos na aprendizagem. (BRASIL, 2000, p.76).

Podemos observar que na “Aula 01”, a atividade de perguntas e respostas ficou sem sentido diante do assunto trabalhado. Uma forma diferente de avaliar o conteúdo seria sugerir aos alunos a dramatização de alguns profissionais que trabalham na escola. Dessa forma a professora trabalharia não somente o conteúdo programático, mas envolveria o respeito pelos profissionais da escola; a auto-expressão; a criatividade.

Na “Aula 05”, seria interessante trabalhar com a pesquisa, em jornais e revistas, de palavras com as-es-is-os e us. Reunir todas as palavras em um mural, e em seguida fazer a leitura coletiva de todas elas.

Na “Aula 02”, para trabalhar o som do s e z, a professora poderia utilizar uma música infantil e cantar junto com os alunos. Em seguida pedir que os alunos fizessem uma produção artística através da pintura com tinta, enfatizando o que mais chamou atenção na canção. Cada aluno iria expor para a turma sua produção. Após trabalhar o som do s e z através da música, a professora então enfatizaria a escrita, pedindo aos alunos que encontrassem na música as palavras escritas com s e z, e fizessem uma listagem no caderno.

3.4.3. Conteúdos multidisciplinares

A realidade de muitas escolas em relação às práticas pedagógicas interdisciplinares de se trabalhar arte ainda é bem esquecida, nesta não foi diferente.

Na escola Gabriel Henrique, o que encontrei foram professores polivalentes que adotam o modelo multidisciplinar de ensino e trabalham as atividades artísticas sem objetivos. Nas atividades das datas comemorativas os alunos apenas colorem desenhos como, por exemplo, referente ao dia 7 de setembro foi distribuído, pela secretária, em todas as salas de aula da escola, desenhos mimeografados de D. Pedro I em cima de um cavalo. O que se observa

(...) é uma espécie de círculo vicioso no qual um sistema extremamente precário de formação reforça o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo escolar. Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem

formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas. (BRASIL, 2000, p.18)

A prova desta discussão pode ser observada na “Aula 04”, considerada pela professora uma “Aula de arte”. A atividade aplicada nesta aula é relacionada a data de 21 de setembro, Dia da Árvore. Poderíamos dizer que esta aula tem características interdisciplinares, pois envolvem a arte e o meio ambiente, no entanto os desenhos feitos pelos alunos nos mostram apenas mais uma atividade de passatempo. Os alunos mostram ter uma visão pronta da realidade, onde cada desenho tem sua cor e forma correta, onde a folha da árvore deve ser verde, o tronco deve ser marrom, e a fruta da árvore deve ser uma maçã vermelhinha. Mesmo que em sua vida este aluno talvez nunca tenha visto um pé de maçã.

Durante as observações não foi identificado nenhum tipo de preocupação dos professores em relação ao ensino interdisciplinar, com ou sem a arte. Repassar os conteúdos programáticos era a principal tarefa que os professores se comprometiam a fazer, mesmo que estes fossem repassados de forma fragmentada, sem relação aparente entre as demais áreas do conhecimento.

Podemos citar o exemplo da “Aula 02”, nela a preocupação da professora em repassar o conteúdo, (sobre os sons do s e z) é tão grande, que inicialmente ela corrige a atividade de casa relacionada ao conteúdo, em seguida passa um ditado de dez frases no caderno, por fim, para que os alunos não transcrevam errado, ela escreve no quadro todas as frases ditadas. Mesmo assim ainda encontramos alunos que saem com dúvidas.

3.4.4. Distração e indisciplina dos alunos

Durante as aulas, as conversas paralelas eram constantes, quase nada que a professora expunha nas aulas era aproveitado pelos alunos. O motivo de tanta agitação talvez fosse o percurso das aulas, percurso este que se repetia todos os dias na sala de aula. Inicialmente a explanação do conteúdo no quadro, e em seguida as atividades de classe no caderno ou no livro. Em quase nenhuma aula

encontrei uma atividade diferente.

Oferecer sempre as mesmas atividades, os mesmos materiais, não gera um ambiente estimulador, os alunos fadigam-se facilmente, é onde acontecem as conversas paralelas.

Somente na “Aula 03” e na “Aula 04”, a professora utilizou desenhos e cores para trabalhar o conteúdo. Mesmo que estes fossem utilizados por pouco tempo, causaram uma pequena mudança quanto a organização dos alunos. Sendo a pintura e o desenho uma atividade interessante para eles, a sala de aula de certa forma ficou mais silenciosa durante as tarefas aplicadas.

Vejamos a atividade da “Aula 03”: *“... Na questão sugerida, os alunos têm que pintar de determinada cor a quantidade de objetos correspondentes ao número sugerido, em seguida fazer a soma dos objetos semelhantes.*

Mesmo tendo entendido pouco a explicação os alunos ficam ansiosos em busca de lápis de cor para iniciar a pintura. A professora organiza as crianças fazendo com que o que não possui lápis de cor sente-se perto de um coleguinha que possua. E assim aos poucos as crianças vão se acalmando e respondendo a atividade com o auxílio da professora”.

Na “Aula 04” a atitude não é diferente: *“A professora entrega folhas avulsas e pede que os alunos façam desenhos retratando o dia da árvore.*

Os alunos ansiosos preparam o lápis de cor e logo dão início ao trabalho de artes. O desenho de quase todos eles consistiu-se em uma árvore no centro da folha de papel, onde a folhagem era verde, cheia de maçãs vermelhas, e um tronco marrom”.

A cerca das situações acima constatee que as conversas paralelas, e a distração dos alunos durante as aulas diminuíram com a utilização de atividades consideradas pela escola como “artísticas”. Desta forma fica claro dizer que com o auxílio de atividades interdisciplinares que envolvem os vários aspectos do ensino de arte, fica mais gostoso ensinar e aprender.

Além de tudo as atividades artísticas como o teatro, a dança, a música, as artes plásticas, auxiliam num processo de aprendizagem criador e interdisciplinar

onde o aluno é autor do seu próprio conhecimento, e os conteúdos do currículo escolar se completam, dando sentido a tudo o que ele aprende na escola.

Desse modo, fica claro que a arte na educação leva o aluno a novas descobertas, desenvolve a conscientização, relacionando o conhecimento com as experiências vivenciadas através da arte.

3.4.5. Condições materiais para trabalhar

Durante algumas conversas, de maneira informal, perguntei a alguns professores sobre a não relação da arte com as demais disciplinas e sobre a falta criatividade nas aulas de arte. Os professores reclamaram da falta de estrutura na escola e na sala de aula, e da carência de materiais didáticos disponíveis para as aulas.

A escola não dispõe de um espaço adequado que possam ser desenvolvidas atividades de dança ou teatro. Não existem materiais disponíveis para atividades artísticas como tinta, pincel, cola, cartolina, etc. O único material utilizado nas aulas de arte é o lápis de cor trazido pelos alunos.

Apesar destas dificuldades apontadas, ainda existem outras como a carência de professores com boa formação para trabalhar arte e a falta de planejamento nas atividades relacionadas à arte em todo corpo escolar.

É diante desta realidade que surgem questionamos sobre a qualidade da educação no país. Como nós professores podemos contribuir para que esta educação de qualidade aconteça?

Uma das formas de contribuição para com a qualidade do ensino é desenvolver projetos sociais que envolvem arte e interdisciplinaridade. Elaborar projetos a partir da realidade social do aluno é garantir a boa formação do cidadão.

Podemos encontrar um exemplo desta idéia, no livro: *As imagens invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual*, de Luciana Borre Nunes, 2010. São exemplos de experiências vivenciadas, dentro e fora da sala de aula, através da arte e interdisciplinaridade. Tem como objetivo principal contribuir para que diversos

olhares possam surgir entre educadores e educadoras que vivenciam cotidianamente na sala de aula as dificuldades sociais que os alunos trazem para escola. As experiências trazidas no livro são trabalhadas por meio da arte e interdisciplinaridade relacionando os conteúdos do currículo escolar com as questões sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, percebemos o quanto se tem falado da importante contribuição do ensino de arte na formação do cidadão. Acredito que por intermédio da arte, é possível dinamizar e enriquecer o ensino das demais disciplinas.

Este trabalho apresenta uma reflexão e uma discussão a respeito da prática interdisciplinar do ensino de arte na educação básica, ao mesmo tempo em que se aborda uma proposta pedagógica que concilia o ensino de arte com uma perspectiva educacional interdisciplinar. Compreende-se que essa proposta expande a visão de ensino interdisciplinar de saberes e conteúdos com uma pluralidade de significados.

Ao refletirmos sobre as possibilidades de mudança no trato com o conhecimento interdisciplinar nas práticas pedagógicas da Educação Artística no espaço escolar, reconhecemos que há muito a ser feito para transformar o modelo de sistema multidisciplinar de ensino inserido no currículo das escolas. Diante disso nos questionamos: como superar o fato de a Educação Artística continuar reforçando práticas pedagógicas que não se relacionam com as demais áreas do conhecimento? A arte desenvolve habilidades significativas de aprendizagem. Explora e desenvolve as potencialidades de cada aluno levando-o a novas descobertas baseadas nas experiências de vida por meio da arte.

Os dados observados na escola pesquisada permitem-nos pontuar a ausência de aulas interdisciplinares usando a arte. Os conteúdos repassados são fragmentados, o que dificulta a visão de totalidade, e de relação conteúdo-realidade. Embora a arte seja um componente curricular obrigatório, sua existência também não está sendo garantida com um mínimo de qualidade pedagógica.

A história da arte demonstra os seus avanços na sociedade durante todos estes anos, e os novos processos de discussão sobre sua importante contribuição na aprendizagem, porém, a realidade educacional não nos permitiu ver além do que já se conhece no senso comum: ausência de aulas de arte com objetivos significativos de aprendizagem. Os conteúdos se limitam ao desenho livre e a pintura de gravuras mimeografadas que muitas vezes representam datas comemorativas,

ou simples atividades de passa-tempo.

Compreendendo que a arte é uma área do conhecimento com conteúdos próprios ligados a cultura, reafirma-se a necessidade de se discutir a arte e a interdisciplinaridade no interior da escola, permitindo que os alunos criem possibilidades de expressão em que vivenciam, refletem e reelaboram sua cultura.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mãe. Arte educação. In: ZANINI, Walter, (org.). **História geral da arte no Brasil**. vol.II. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v., il.

_____. **Porque e como:** Arte na educação. Disponível em <<http://www.simaodemiranda.com.br/porquecomoartenaeducacao.pdf>> Acesso em: 21 de maio de 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais/ Arte-** 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COTRIM, Gilberto. Estética. In:_____. **Fundamentos da filosofia:** história e grandes temas. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte:** o dia-a-dia na sala de aula. 3ed. Rio de Janeiro: WakEd. , 2008.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. ; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte:** fundamentos e proposições. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEAO, Raimundo Matos. **A arte no espaço educativo.** Disponível em <http://www.caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/rml_arteduca.htm>Acesso em: 22 de outubro de 2011.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional:** o prazer de conhecer. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MARANGON, Cristiane. Aprender a ser artista. **Revista pátio**. Educação Infantil. Ano VIII. nº22, jan/mar, 2010.

NUNES, Luciana Borre. As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual. São Paulo: Idéias & Letras, 2010.